



O ENSINO SOBRE SEXUALIDADE NA ESCOLA POR MEIO DO LÚDICO: AÇÕES DE ENFERMAGEM

Elisabeta Albertina Nietzsche¹

Márcia Gabriela Rodrigues de Lima²

Larice Gonçalves Terra³

Janilene Camara Bottega⁴

Cristiane Apio Motta⁵

Roberta Corrêa Stangherlin⁶

RESUMO

Objetivou-se relatar atividades realizadas por meio de oficinas lúdico-educativas sobre a temática sexualidade, em uma escola de ensino fundamental no RS. Relato de experiência a partir de três oficinas elaboradas com alunos da 1ª à 9ª séries, de Junho a Dezembro de 2011. As ações foram uma sensibilização referente à temática; uma oficina com alunos da 1ª a 5ª séries enfocando a anatomia do corpo humano e cuidados com a higiene; duas oficinas grupais da 6ª a 9ª séries, a primeira oficina sobre adolescência e sexualidade e a segunda sobre namoro, ficar, masturbação, métodos contraceptivos, Doenças Sexualmente Transmissíveis, paternidade e maternidade na adolescência. Portanto, é necessário proporcionar espaços à discussão aberta sobre sexualidade, objetivando a reflexão e aplicação desse conhecimento na construção da cidadania.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação em Saúde. Enfermagem.

ABSTRACT

It was aimed to relate activities realized through ludic and educational workshops about sexuality in a primary level school in RS. It is an experience report obtained from three workshops developed with students from 1st to 9th grade of June to December 2011. The actions include a sensibilization referent to thematic; a workshop with students from 1st to 5th grades focusing the anatomy of the human body and care with hygiene, two group

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGEnf.) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem e Saúde (GEPES/UFSM/CNPq). Rua dos Andradas 1633. Apt.º 303, CEP:97.010-033. Centro-Santa Maria/RS. (55) 9978-6626; fone/fax: 55 32208029. E-mail: eanietsche@gmail.com

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Docente da Faculdade Dom Alberto. Integrante do GEPES/UFSM/CNPq. E-mail: grlmarcia@yahoo.com.br

³ Graduanda do 4º semestre do Curso de Enfermagem da UFSM. Integrante e Bolsista FIEX do GEPES/UFSM/CNPq. E-mail: lariceterra@yahoo.com.br

⁴ Enfermeira. Integrante do GEPES/UFSM/CNPq. E-mail: janicamega@yahoo.com.br

⁵ Enfermeira. Integrante do GEPES/UFSM/CNPq. Graduanda pelo Programa de Formação de Professores para a Educação da UFSM. E-mail: crisapiomotta@hotmail.com

⁶ Graduanda do 3º semestre do Curso de Enfermagem da UFSM. Integrante do GEPES/UFSM/CNPq. E-mail: E-mail: rccroberta@hotmail.com



workshops from 6th to 9th grades, the first workshop about adolescence and sexuality and second workshop about dating, stay, masturbation, contraception method, Sexually Transmitted Diseases, paternity and maternity teenage. Therefore, it is necessary to provide space for open discussion about sexuality, aiming reflection and application of this knowledge in the building of citizenship.

Keywords: Sexuality. Health education. Nursing.

Introdução

Por muito tempo as questões referentes à sexualidade foram motivo de vergonha e silêncio na cultura ocidental e as posturas repressoras por parte da sociedade contribuíram, decisivamente, para atrasar o processo de ensino sobre essa temática no cenário escolar. No Brasil, a necessidade de ensinar sobre a sexualidade emergiu entre o período de 1920 e 1930, quando alguns educadores e médicos, preocupados em melhorar a saúde, especificamente, da mulher, resolveram adotar medidas preventivas para evitar atitudes femininas consideradas imorais para a época e garantir a reprodução saudável (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009).

A tardia introdução da temática sexualidade no ensino escolar ocorreu entre as décadas de 60 e 70, quando da Igreja Católica detinha grande representatividade no quando educacional, bem como um conjunto de decisões políticas adotadas pela repressão militar. Assim sendo, um número significativo de retrocessos marcou as tentativas de implantação desse ensino nas escolas brasileiras (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009).

Entretanto, o ensino sobre a sexualidade nos dias de hoje ainda é um desafio a ser instituído em nossa sociedade, pois ela percebe o tema apenas ligado a fatores biológicos, excluindo-o de influências históricas, culturais e sociais (CALAZANS, 2005). Apesar do avanço científico no que diz respeito ao estudo sobre sexualidade humana, este tema ainda é impregnado de mitos, preconceitos e contradições, a ponto de muitas pessoas continuarem afirmando que esse tema só deve ser discutido entre adultos, o que é prejudicial para o desenvolvimento e comportamento sexual saudável de crianças e adolescentes (CAMARGO; FERRARI, 2009).



Fala-se em educação sexual e orientação sexual, sendo a primeira definida como todo o processo informal pelo qual se aprende sobre a sexualidade ao longo da vida, seja por meio da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia. Enquanto que a orientação sexual configura-se o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas (JARDIM; BRÊTAS, 2006) e encontra-se amparada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elaborados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), no qual confere autonomia quanto a forma de abordagem desta temática.

O ambiente escolar é o local onde as crianças e jovens permanecem a maior parte de sua infância e adolescência e, sobretudo, um dos principais elementos para contatos interpessoais, sendo um espaço social importante, para que possam ser esclarecidas e discutidas as questões a cerca da sexualidade (JARDIM; BRÊTAS, 2006). Esse local de ensino exerce grande influência na vida do jovem, proporcionando a experimentação da construção de sua identidade para além da família.

Assim, a escola deve ser encarada como espaço de formação e informação, sanando dúvidas, motivando a reflexão e promovendo a sensibilização de seus alunos a fim de contribuir para a formação de seres humanos com capacidade de realizar escolhas e tomar decisões. Na maioria das escolas os professores não abrem espaço à discussão sobre sexualidade, o diálogo franco e aberto sobre as ansiedades e preocupações sexuais, pois tem medo de despertar ainda mais o desejo dos jovens e não saberem responder às perguntas por eles formuladas (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Em contrapartida, hoje, a facilidade de acesso às informações trouxe aspectos positivos a crianças e jovens que passaram a incorporar novas características, principalmente no que diz respeito ao comportamento, como maior autonomia e liberdade de expressão, mas também desencadeou aspectos negativos que resultam em prejuízos aos jovens em geral e a toda sociedade. Isso demonstra a necessidade de implementar ações educativas sobre sexualidade ainda na escola.

Neste sentido, considerando que a escola, a família e a sociedade são as instituições básicas para o desenvolvimento das ações educativas, esse estudo objetiva relatar



atividades realizadas por meio de oficinas lúdico-educativas sobre a temática sexualidade, com alunos da 1ª à 9ª séries de uma escola de ensino fundamental.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, que é um estudo revelador das ações do indivíduo como agente humano e participante da vida social. O informante conta sua história, sendo capaz de desvendar seus aspectos subjetivos (BESERRA; TORRES; BARROSO, 2008). Essa experiência foi descrita a partir três oficinas lúdico-educativas que abordaram temas relacionados à sexualidade, realizadas com 439 alunos, distribuídos entre as turmas de 1ª a 9ª séries, de uma escola do interior do estado do Rio Grande do Sul.

A educação constitui um dos principais componentes no cuidado de enfermagem ao jovem e resulta da construção coletiva, influenciada pelos conhecimentos já adquiridos, valores, crenças, estilo e história de vida dos envolvidos, o qual favorece o crescimento e a transformação dos participantes. É a oportunidade para a promoção da saúde, prevenção de doença e suporte à compreensão dos temas ligados à sexualidade, podendo ser um instrumento de capacitação, de socialização de conhecimentos e de experiências no âmbito individual ou coletivo (HOFFMANN; ZAMPIERI, 2009).

Tais ações nessa instituição representam uma parcela das atividades que docentes, enfermeiros, mestrandos e acadêmicos de enfermagem do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem e Saúde (GEPES/CNPQ), vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), realizam desde 2007 por meio do projeto de extensão intitulado - Projeto Solverde: a leitura como promotora da educação para a saúde e para a cidadania.

As atividades ocorreram nos meses de junho a dezembro de 2011, nas sextas-feiras, no turno da manhã, das 8:30 às 12:30, e de tarde, das 1:30 às 17:30, sendo que anteriormente foi realizada uma sensibilização com os alunos no mês de junho de 2011. As oficinas foram divididas em três momentos de acordo com a faixa etária de cada turma: 1ª a 5ª séries e da 6ª a 9ª séries. Para isso foram utilizados bonecos em isopor e ilustrações para colorir (corpo humano nas versões feminina e masculina), material de desenho (cola, caneta



hidrocor, lápis de cor, tesoura e cartolina), revistas, jornais, peças anatômicas plásticas cedidas pelo laboratório de enfermagem da UFSM, bem como contraceptivos de barreira e hormonal.

Ao final da ação foi realizada avaliação das oficinas com todas as turmas da escola, a fim de conhecer os pontos positivos e vulneráveis.

Resultados e discussão

A ação desenvolvida com os alunos da escola emergiu da necessidade relatada pelos professores aos integrantes do GEPES/UFSM, quando asseguraram que alguns alunos indagavam sobre sexualidade, no tangencial as modificações corporais e comportamentais que permeiam o desenvolvimento infantil, entretanto, eles não se sentiam capacitados para trabalhar estas questões em sala de aula.

Então, organizou-se uma sensibilização, composta por uma visita em todas as turmas, nos turnos da manhã e tarde, onde os alunos foram convidados a deixar suas dúvidas sobre a temática, de forma escrita, em uma urna lacrada no *hall* de entrada da escola, por um período de dois meses. Assim, a partir das perguntas dos alunos, foram traçadas estratégias educacionais na forma de oficinas, com intuito de fornecer subsídios acerca dessa temática de uma forma lúdica, mas, sobretudo, crítica e reflexiva.

Nas turmas da 1ª a 5ª séries desenvolveu-se uma oficina utilizando ilustrações do corpo humano desenhados em isopor, nas versões feminina e masculina, bem como distribuíram-se folhas com desenho do corpo para colorir. Essa ferramenta servir de subsídio para explicar sobre o funcionamento das partes do corpo, mas também a relação que mesmo estabelece com o meio e a sociedade, destacando aspectos de cuidados com a higiene, o respeito consigo e o outro.

Nas turmas da 6ª a 9ª séries realizaram-se duas oficinas, onde os alunos eram divididos por grupos para que a dinâmica de trabalho fosse o mais fluente possível. Na primeira oficina os alunos foram convidados a responder por escrito as seguintes questões: O que é adolescência? O que é sexualidade? E, após desenharam sobre as transformações corporais



no período da adolescência. Sobre o significado de adolescência os alunos responderam que é sinônimo de liberdade, transição da infância para a vida adulta, mudanças no corpo, bem como maior responsabilidade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pré-adolescência abrange a faixa etária de 10 a 14 anos de idade e a adolescência propriamente dita ocorre dos 15 aos 19 anos (OLIVEIRA et al., 2009a). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente considera o período de adolescência entre 12 e 18 anos de idade, porque se entende que a idade de 18 anos é ideal para que o indivíduo compreenda seus atos e ações da vida civil, sem intervenção de seu representante legal (BRASIL, 1990).

A adolescência é considerada a transição entre a infância e a idade adulta, na qual os jovens desenvolvem suas capacidades, experimentam novos tipos de comportamento, apresentam intenso crescimento e desenvolvimento que se manifesta por marcantes transformações físicas, psicológicas e sociais (RAVELLI, 2010).

Do ponto de vista físico, a adolescência abrange a fase de modificações anatômicas e fisiológicas que transformam a criança em adulto. O termo puberdade é utilizado para designar todo o processo de maturação biológica inserido nesse período, tornando o indivíduo apto à reprodução (OLIVEIRA et al., 2009b).

No aspecto psicológico, a adolescência é uma época de incerteza, sofrimento, dúvida e ambivalência, pois ocorre uma busca de identidade, aceleração do desenvolvimento intelectual e à evolução da sexualidade. Do ponto de vista social, ela corresponde à fase da vida durante a qual a sociedade não encara o ser como criança, porém ainda não lhe confere o status de adulto. Assim, o indivíduo perde direitos e privilégios de criança, ao mesmo tempo em que passa a assumir responsabilidades de adulto (OLIVEIRA et al., 2009b).

Sobre o significado da palavra sexualidade todos os alunos concebiam como sinônimo de relação sexual. A sexualidade é uma característica essencial do ser humano, presente em todas as etapas da vida, sendo manifestada de diversas formas. Envolve um conjunto de valores pessoais e sociais, além de práticas corporais, sendo uma forma de expressão que reflete o contexto sociocultural no qual o sujeito está inserido e se desenvolve, além de



estar associada à atividade sexual, à dimensão biológica, íntima, relacional e subjetiva de cada indivíduo (RAVELLI et al., 2010).

Ela é o aspecto central de nossa personalidade, por meio da qual nos relacionamos com os outros, conseguimos amar, ter prazer e procriar. Cada sociedade inventa a sexualidade que pode inventar, pois todas as sociedades determinam as suas expressões da sexualidade as quais são alvo das normas morais, religiosas e científicas, que acabam sendo interiorizadas desde o período da infância pelo ser humano (RAVELLI et al., 2010).

Nos desenhos produzidos sobre as transformações corporais no período da adolescência os alunos ilustraram o crescimento e desenvolvimento genital, dos pelos, dos seios nas meninas e a voz nos meninos. Acerca do desenvolvimento físico, as alterações acontecem rapidamente na adolescência. O amadurecimento sexual ocorre com o desenvolvimento das características sexuais primárias e secundárias. As características primárias são alterações físicas e hormonais necessárias à reprodução, e as secundárias diferenciam externamente o sexo masculino do feminino (PIERRE, 2009).

Na segunda oficina os alunos responderam de forma escrita sobre: O que é namorar, ficar e masturbação? A seguir recortaram figuras de revistas e jornais que representassem esses três questionamentos. Além disso, realizou-se uma dinâmica denominada: “verdadeiro” ou “falso”, para abordar os métodos contraceptivos (barreira e hormonal), as DSTs mais comuns e a paternidade e maternidade na adolescência.

Referente ao questionamento dos termos: namorar e ficar, os alunos asseguraram que o primeiro refere-se a um relacionamento sério com apenas um companheiro, envolvendo respeito e fidelidade, já o segundo remete-se a uma relação passageira de curta duração, não envolvendo fidelidade entre os envolvidos. O namoro é uma etapa importante no desenvolvimento do ser humano. Trata-se de um relacionamento social afetivo-sexual, resultante de uma série de modificações físicas e intra-psíquicas que trazem à tona a auto-imagem, a auto-estima, a importância atribuída ao corpo, o modelo de relacionamento dos pais e a expectativa de um futuro (CANO et al., 2008).

Em um estudo feito com adolescentes, em duas escolas públicas e estaduais na cidade do Rio de Janeiro, evidenciou-se que namorar tende a ser representado como um ato



contínuo e repetitivo do ficar, que possui início em um relacionamento caracterizado pela liberdade de ação e que, com o tempo e a permissão de ambos, ganha contornos de maior compromisso e de oficialidade frente à família e o grupo social (TOMITA; FERRARI, 2007).

Já a prática do "ficar" surgiu na metade da década de 80 sem obedecer a nenhuma regra conhecida de namoro até então (CANO et al., 2008). Por sua vez, é descrito como um relacionamento em que os atores sociais possuem uma intimidade e uma proximidade maiores, se vêem em uma frequência que pode adquirir uma regularidade e até acabar em namoro (TOMITA; FERRARI, 2007).

Sobre o questionamento do termo: masturbar, os alunos responderam que significa tocar no próprio corpo ou no corpo do outro para sentir prazer. O ato masturbatório aparece bem antes da adolescência, mas, é nesta idade, entre 11 e 13 anos, após o término da latência, que ocorre a possibilidade de uma excitação sexual, semelhante com a da vida adulta (NIEDERSBERG, 2008).

O início da masturbação pode representar um sadio desenvolvimento psicosssexual, pois os primeiros atos indicam uma saudável curiosidade com a finalidade de conhecer o seu próprio corpo, uma forma de escoamento de fantasias e a possibilidade de entrar em contato com sensações que seriam privilégio exclusivo dos adultos. Por conseguinte, continua em vigor a barreira do incesto, uma das razões pela qual a masturbação, na puberdade, desperta sentimentos de culpa (NIEDERSBERG, 2008).

A colagem de figuras de revistas e jornais ilustrava homens e mulheres beijando-se ou abraçando-se e também montagens de pessoas tocando seu corpo ou sendo tocadas. Isso demonstra que, alguns adultos, como os pais, colaboram para reprodução discriminatória de gênero pelo jovem, exemplificadamente, cita-se a liberdade que homens e mulheres possuem de escolher se relacionar livremente com o parceiro do mesmo sexo ou do sexo oposto (OLIVEIRA, 2007).

Para realização da dinâmica, cada grupo respondeu se assertiva em questão era "verdadeira" ou "falsa", tais como: Utilizando duas camisinhas na relação sexual diminui o risco de gravidez?; A camisinha protege contra a gravidez e as DSTs?; A pílula deve ser tomada apenas antes da relação sexual?; No sexo anal e oral não é necessário camisinha?; O



HIV/AIDS é transmitido pelo beijo? As DSTs podem ser transmitidas durante a gestação para o bebê? Parceiros que nunca tiveram relação sexual também precisam utilizar métodos contraceptivos para prevenir-se de DSTs e gravidez indesejada? Na gestação, o homem e a mulher são responsáveis pela criança? As respostas a essas perguntas suscitaram discussão e reflexão entre os alunos.

Estudos latino-americanos têm demonstrado que a cada ano os jovens estão precocemente iniciando a vida sexual, principalmente os de baixa escolaridade. Portanto, parece evidente que quanto antes se discutir sexualidade menor poderá ser a probabilidade da precocidade da iniciação sexual e dos agravos a ela relacionada (OLIVEIRA, 2009a).

A seguir, no intuito de proporcionar um ensino teórico e prático sobre tais questões, foram utilizadas peças anatômicas de genitais femininos e masculinos, cedidas pelo laboratório de enfermagem, para explicar a colocação e a importância do uso correto de alguns métodos contraceptivos (barreira e hormonal), como: camisinha feminina e masculina, DIU, diafragma e pílula, para evitar DSTs, sendo: HIV/AIDS, sífilis, condiloma acuminado, gonorréia, herpes simplex I e II, candidíase, hepatite B e C. Sobre a gravidez na adolescência, enfatizou-se a responsabilidade familiar, social e financeira que tanto o homem quanto a mulher devem assumir quando estão nos papéis de mãe e pai.

O adolescente, geralmente, apresenta certa vulnerabilidade decorrente de características da própria idade, da falta de habilidades para tomada de decisões ou da responsabilidade nem sempre existente nos relacionamentos afetivos e sexuais. Esses aspectos representam uma condição de vulnerabilidade às DST e à AIDS (OLIVEIRA, 2007). Nos últimos anos houve um crescimento do número de diagnósticos de DSTs e AIDS entre adolescentes, como mostra o Boletim Epidemiológico de AIDS publicado pelo Ministério da Saúde, onde foram registrados 34.218 casos novos de AIDS no Brasil, observando-se uma taxa de incidência de 9,5/100.000 habitantes com relação aos novos casos de AIDS entre jovens de 15 a 24 anos (BRASIL, 2011).

Outra questão relevante entre os jovens é a gravidez na adolescência, um problema de saúde pública brasileiro, que envolve a maternidade e a paternidade precoce. Vários fatores etiológicos estão relacionados com o aumento do número de gestações entre jovens, e é



preciso entendê-los e perceber sua complexidade e multicasualidade, para que seja possível intervir com mais eficácia, a fim de reduzir os índices que envolvem tal problemática (OLIVEIRA et al., 2007).

Ao final das oficinas realizou-se avaliação, na qual se obteve os seguintes resultados: alguns alunos destacaram como aspectos positivos que as atividades foram esclarecedoras, contribuindo para o aprendizado quanto aos cuidados e funcionamento do corpo. Por outro lado, como aspectos vulneráveis, alguns alunos responderam que as atividades foram nojentas, estranhas, vergonhosas, desinteressantes e inapropriadas para sua idade.

Em síntese, essas questões demonstram que a temática sexualidade deveria ser trabalhada transversalmente em todas as disciplinas do currículo escolar, com professores devidamente preparados para esta função, com base na manifestação do próprio aluno.

Conclusão

Diante do exposto, as oficinas contribuíram na construção do conhecimento acerca da sexualidade, visto que a maioria dos alunos aprovou e aprendeu com as atividades, sendo que solicitaram outros encontros. Portanto, o engajamento do enfermeiro na realização de atividades que fomentem a educação para a saúde no ambiente escolar é fundamental para que haja a intersetorialidade, aproximando, assim, o cuidado de enfermagem na comunidade escolar, esta representada por alunos, pais/familiares e professores.

Além disso, o ensino sobre a sexualidade ainda é um desafio a ser instituído em nossa sociedade. Então, é necessário proporcionar espaços à discussão sobre essa temática, a partir de um diálogo franco e aberto sobre as ansiedades e preocupações, objetivando que crianças e jovens reflitam e apliquem esse conhecimento na construção de sua cidadania.

Referências

ANAMI, L. F.; FIGUEIRÓ, M. N. D. Interação família-escola na educação sexual: reflexões a partir de um incidente. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.



BESERRA, E. P.; TORRES, C. A.; BARROSO, M. G. T. Dialogando com professores na escola sobre sexualidade e Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Rev. Rene**. Belo Horizonte, v. 9, n. 4, p. 151-157, 2008.

BRASIL. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências [Internet]. Brasília; 1990 [citado 2012 Set. 30]. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102414>. Acesso em: 23 maio 2013.

_____. Ministério da Saúde. **Bol Epidemiol AIDS**. Brasília (DF), 2011. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/3428/162/sus-mantemepidemiade-aids-estabilizada-no-brasil.html>. Acesso em: 23 maio 2013.

CALAZANS, G. **Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva**: elementos para reflexão. In: Abramo HH, Branco PPM, organizadores. Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Cidadania; 2005. p. 215-241.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946, 2009.

CANO, M. A. T. et al. Auto-imagem na adolescência. **Rev. Eletr. Enf.**, Goiânia, v. 10, n. 1, 7 p., 2008. Disponível: http://www.fen.ufg.br/fen_revista/revista1_1/Auto.html. Acesso em: 23 mai. 2013.

JARDIM, D. P.; BRÊTAS, J. R. S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Rev Bras Enferm.**, Brasília, v. 59, n. 2, p. 157-62, mar./abr. 2006.

HOFFMANN, A. C. O. S.; ZAMPIERI, M. F. M. A atuação do profissional da enfermagem na socialização de conhecimentos sobre sexualidade na adolescência. **R. Saúde Públ.** São Paulo, v. 2, n. 1, p. 2175-1323, jan./jul. 2009.

NIEDERSBERG, M. C. O Papel da Masturbação no Desenvolvimento Sexual do Adolescente. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, São Paulo, n. 5, p. 188-198, jan./fev./mar. 2008.

OLIVEIRA, D. C. et al. "Pegar", "ficar" e "namorar": representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Rev. bras. enferm.**, Distrito Federal, v. 60, n. 5, p. 497-502, 2007.

OLIVEIRA, S. E. M. et al. A percepção da equipe de enfermagem quanto ao cuidado prestado às adolescentes no ciclo gravídico-puerperal. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2009a.



OLIVEIRA, D. C. et al. Atitudes, sentimentos e imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.** Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 817-23, out./dez. 2009b.

PIERRE, E. C. B. Assistência de enfermagem a adolescentes grávidas. 2009. 96 f. Monografia (Graduação de Enfermagem) - Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2009.

RAVELLI, R. C. R. et al. Educação e saúde: trabalhando a sexualidade com os futuros profissionais da educação. **Revista F@pciência**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 80-86, 2010.

TOMITA, T. Y.; FERRARI, R. A. P. Adolescência e sexualidade no cotidiano da equipe de enfermagem do serviço de atenção básica de saúde. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 2007.

Artigo recebido em 5 de junho de 2013.

Aceito em 20 de junho de 2013.